

Front Matter / Elementos Pré-textuais / Páginas Iniciais

Karina Janz Woitowicz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

WOITOWICZ, KJ. *Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916)* [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015, pp. 1-14. ISBN 978-85-7798-212-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

IMAGEM CONTESTADA

A Guerra do Contestado pela escrita do *Diário da Tarde*
(1912-1916)

1^a reimpressão

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

VICE-REITOR

Gisele Alves de Sá Quimelli

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO E ASSUNTOS CULTURAIS

Marilisa do Rocio Oliveira

EDITORA UEPG

Lucia Cortes da Costa

CONSELHO EDITORIAL

Lucia Cortes da Costa (Presidente)

David de Souza Jaccoud Filho

Fábio André dos Santos

Gisele Alves de Sá Quimelli

José Augusto Leandro

Osvaldo Mitsuyuki Cintho

Silvio Luiz Rutz da Silva

Karina Janz Woitowicz

IMAGEM CONTESTADA

A Guerra do Contestado pela escrita do *Diário da Tarde*
(1912-1916)

1^a reimpressão

Editora
UEPG

Copyright © by Karina Janz Woitowicz & Editora UEPG
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Editora, poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Equipe Editorial

Coordenação editorial Lucia Cortes da Costa
Preparação de originais e ficha catalográfica Cristina Maria Botelho
Revisão Nara Lasevicius/Tikinet
Projeto gráfico e diagramação Aline Maya/Tikinet
Capa Maurício Marcelo/Tikinet

079.8 W847i	Woitowicz, Karina Janz Imagem contestada: a guerra do contestado pela escrita do diário da tarde (1912-1916). 1ª reimpressão. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7798-186-1 1-Jornalismo. 2-Brasil-história-Campanha do Contestado, 1912-1916. 3-Diário da Tarde (Curitiba, PR). I.T.
----------------	--

Depósito legal na Biblioteca Nacional

Editora filiada à **ABEU**
Associação Brasileira das Editoras Universitárias

Editora UEPG
Praça Santos Andrade, n. 1
84030-900 – Ponta Grossa – Paraná
Fone: (42) 3220-3306
E-mail: editora@uepg.br

À Ana Paula (in memoriam),

Aos queridos Ana Victoria e Rafael,

*Aos sertanejos do Contestado,
que lutaram na esperança
de conquistar a justiça e a igualdade.*

Agradecimentos

Como os agradecimentos representam o sincero reconhecimento do(a) pesquisador(a) pelas contribuições profissionais e pessoais que acompanharam a realização do trabalho, não poderia deixar de mencionar com muito carinho as pessoas que auxiliaram na produção deste livro, resultado da dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos/RS) em 2002. Praticamente dez anos depois, ao revisitar a pesquisa em meio às comemorações do Centenário da Guerra do Contestado (2012), surgiu a ideia de publicá-la como registro do modo como o acontecimento entrou para a História pela escrita do jornalismo. Se o livro aqui está, é preciso compartilhar os agradecimentos a todos e todas que colaboraram com este feito, direta ou indiretamente.

Agradeço primeiramente ao professor José Luiz Braga, que desde as primeiras conversas, questionamentos e reflexões se revelou muito mais do que um orientador, concedendo plena liberdade para escolher o caminho que julgasse mais conveniente dentro do campo de referências que me ofereceu. Sua generosidade e capacidade analítica, evidenciadas no prefácio deste livro, serviram como motivação para este estudo e muitos outros trabalhos desenvolvidos desde então.

À minha família, pelo apoio e incentivo com que acompanharam minha opção pela vida acadêmica, meu agradecimento e carinho. Aos meus pais, Eurico e Iêda, à minha irmã Erika, aos sobrinhos Ana Victoria e Rafael, devo a companhia agradável e o afeto sem fim. E ao Volney, companheiro cuja presença se torna indispensável, registro minha gratidão por tornar meus dias muito mais felizes.

Agradeço ainda aos colegas e amigos do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa pelo apoio à produção científica e pela interlocução constante. Também aos colegas pesquisadores da Intercom, da Alcar, da Rede Folkcom e demais entidades científicas do país

por oportunizarem diálogos e promoverem o amadurecimento acadêmico. E aos alunos de Jornalismo, que a cada dia nos provocam, em meio a atividades de ensino, pesquisa e extensão, a (re)pensar os modos de fazer e de refletir sobre o jornalismo.

A todos e todas – e ainda mais alguns(mas) – reitero minha gratidão, com a certeza de que foram e são fundamentais para a realização da pesquisa que deu origem a este livro e de outros trabalhos que virão.

Prefácio

*José Luiz Braga*¹

No texto de Introdução, Karina faz referência à dissertação de Mestrado que é a base do presente livro. Lembra que fui o orientador desse trabalho. Essa foi, efetivamente, minha primeira interação com a obra, que começava então a ser elaborada – o que implica um processo complexo de leituras e comentários. Hoje, é na condição de leitor que me reencontro com o texto.

Interagir com textos em elaboração pede sempre uma percepção tentativa, voltada para o que ainda será feito, um acontecimento em processo de acontecer. Mas a orientação de Karina foi singular. Depois de um período presencial na Unisinos, de primeiras conversas sobre o objeto, Karina retornou ao Paraná e a sequência da orientação foi à distância. Leituras e comentários corriam por e-mail, apenas entremeados por vindas ocasionais da então mestranda a São Leopoldo. Uma originalidade dessa interação é que os textos recebidos vinham já acompanhados de reflexões. No corpo do e-mail que trazia capítulos ou seções em anexo, a própria autora indicava os trechos a serem ainda aperfeiçoados, sugerindo mesmo a direção que deveria imprimir para seu melhor desenvolvimento. Isso era, na verdade a marca de um pensamento crítico, que exige de si mesmo até certificar-se do rigor, da segurança do que está sendo dito. De minha parte, quase bastava dar o meu acordo a essa pré-orientação – conversávamos como dois colegas, cotejando as possibilidades que víamos no texto. É desnecessário enfatizar o que essa qualidade reflexiva da autora informa sobre o livro agora publicado – e o prazer que tive em ser convidado para prefaciá-lo.

Agora, já não se trata de acompanhar a direção de um texto em processo, de observar os andaimes ou atentar para o rigor da construção. Pude ler os originais do livro – reler – apenas entrando na narração e fazendo o que faz um leitor: sintonizar com as proposições, aprender com

1. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos/RS.

estas; deixar-se levar nos ritmos do texto, pelos quais vão sendo iluminados determinados aspectos do mundo de referência. O livro – assim como o jornal analisado, mas de outro modo – faz acontecer o que aconteceu. Por que de outro modo? Não se trata apenas de outro ponto de vista, mas de outra ação comunicacional. É o próprio trabalho da história, oferecer um ângulo de especificidade, um modo de ver o mundo buscando a compreensão das coisas mostradas e produzindo o sentido pelo qual podemos nos relacionar com essas coisas.

O ângulo é outro. Ao mostrar como o jornal vê os episódios e as circunstâncias do Contestado, o livro oferece não só uma observação sobre os acontecimentos, mas os percebe sendo construídos pelo olhar do jornal, que ao vê-los acontecer participa diretamente de sua feitura, como participante especial, em seu modo de produção. O jornal não os produz simplesmente por decisões políticas tomadas, ou por apoiar estas ou aquelas vozes – mas essencialmente por elaborar os sentidos em que entende que devam ser vistos. São ações da ordem do discurso. O poder do “dar sentido” é mais pregnante, na construção social da sociedade, do que muitas decisões da ordem política.

O discurso não é uma “fala sobre as coisas do mundo” – é um modo de constitui-las imbricando eventos da realidade e um trabalho de negociação e disputa de sentidos – que se realizam pela comunicação. Por isso, onde leio “o discurso”, percebo sempre a comunicação – os modos pelos quais um participante social (uma instituição, uma empresa, um jornal, uma pessoa), partindo do que assume como sua “identidade” (quer dizer: do modo como se vê) e do contexto em que se inscreve, tenta fazer seguir adiante, pela fala (texto, imagem, gesto), suas reações, os resultados de sua escuta, suas expectativas, seus objetivos – imprimir ao próximo passo do circuito interacional sua marca, compartilhando e expandindo aquela “identidade”. Que, é claro, pela própria inserção no circuito, ao mesmo tempo em que se afirma, se modifica.

Isso pode parecer abstrato, mas no livro o discurso se concretiza em falas, eventos, acontecimentos, interpretações – pelos quais vemos surgirem, palpáveis, as circunstâncias e episódios que, no decurso da leitura, vão compondo isso a que podemos chamar de “o Contestado”, já não como apenas referência a algo que sabemos ter acontecido, mas como coisa percebida, apreendida em sua complexidade, como acontecimento presentificado. Particularmente: presenciando o gesto constitutivo do jor-

nal na produção desse discurso. É todo um período histórico que se descortina, um ambiente cultural, uma conjuntura de poderes, tensões, vivências – de vida. Chegamos, em meio a esses processos diversificados, a uma compreensão das forças da comunicação se manifestando muito antes do que chamamos de “sociedade midiática”. Vemos um jornalismo que, se hoje pode nos parecer profissionalmente ultrapassado, se faz ver também como marcador cultural de processos que dizem o que nós, historicamente, somos.

Disso é feita a história – na especificidade de suas narrações, mostra o jogo sutil de rupturas e de “ainda o mesmo”. Perceber essas variações é fundamental para saber onde estamos – e também para duvidar um pouco de como nos vemos. O que, se por um lado elimina o conforto de imaginar o mundo como estável, é fundamental para estar no mundo. É por isso que se constata, reiteradamente, que estudamos pouco nossa história – e que, no âmbito dos estudos em comunicação, será preciso ampliar muito as pesquisas de natureza histórica, para desenvolver maior solidez sobre o conhecimento da área.

Nossa cultura é sempre insuficientemente voltada para sua própria recuperação histórica – e talvez por isso mesmo sempre desatenta para o fato de que a cada dia estamos reiteradamente, em todos os espaços sociais, produzindo história. Nesse ambiente, o risco é pensarmos nossa comunicação social em modo evanescente, como se dependesse apenas das emissões-e-recepções imediatas, dos processos de dominação singularizados em pessoas e instituições; e não instituídos em processos longamente ancorados na história, inclusive para contradizê-la.

Perceber as forças e os modos “do discurso” na construção da história é, assim, de fundamental importância. O livro de Karina Janz Woitowicz é uma valiosa contribuição nesse sentido.

Os elementos que entram em pauta na obra para uma percepção da conjuntura histórica são, em primeiro nível, os que fornecem as bases para a tensão político-social: a reivindicação do direito à terra, as iniciativas dos sertanejos, o conflito social, político e messiânico; o levante pretendidamente monarquista, a campanha militar, a disputa territorial entre o Paraná e Santa Catarina; a ideia de nação como instituição do imaginário, o discurso nacionalista. O campo polêmico é instituído pelas vozes oficiais. Citamos:

Ao incorporarem o papel de porta-voz dos acontecimentos da Guerra do Contestado (vale lembrar que as informações chegavam até os jornais por

meio de telegramas do Exército, inclusive número de baixas, resultado de investidas e relatórios de combate), os militares abrem espaço para a construção de uma imagem predominante dos acontecimentos, que é polemizada por meio das relações com demais grupos e instituições que “agem” no espaço simbólico da imprensa paranaense. (p.128).

O jornal elabora seus sentidos a partir do lugar de fala dado por sua inscrição na sociedade; mas na dinâmica dos eventos, a substância social não se contém inteira naquela fala – as tensões extravasam em outras vozes que, mesmo sem acesso direto ao jornal, não podem não ser referidas por este. Essas vozes ressoam no livro, que as escuta mesmo no contrafluxo da fala jornalística, em que elas se manifestam. Desde que se saibam buscar as pistas e os índices, faz-se o desvelamento do discurso.

Aparecem, assim, a religião comunitária do sertanejo, o sebastianismo versus o discurso oficial da igreja. Evidencia-se a confusão feita sobre o “monarquismo” dos sertanejos: ora o jornal os percebe como “hordas bárbaras”, “sanguinários inimigos”; ora são vistos como vítimas. Ao se perguntar sobre essa flutuação, o livro encaminha elucidações:

O que faz com que as “feras indignas de piedade” se apresentem agora, no mesmo jornal, como vítimas da miséria social? Neste movimento de sentido, que lógicas pode-se apreender? Tendo em vista que a imprensa é, por natureza, constituída por diversas vozes, a constituição do discurso jornalístico não abre caminho para uma outra relação de heterogeneidade com os acontecimentos? (p.111).

Nos implícitos ou nos índices mais transparentes – mesmo quando algumas vozes, sem outro acesso à fala, só podem ser expressas, no jornal, por falas que não são as suas próprias – o livro vai nos fazendo enxergar as vozes que se entremeiam. É o que aparece, por exemplo, na referência ao Diário da Tarde feita pelo livro:

Um preceito ético, resumido num ditado que foi notícia no Diário da Tarde, evidencia muito bem os valores que pautaram o movimento do Contestado: “Quem tem, mói, quem não tem, mói também, e no fim todos ficarão iguais” (22/02/1914). Mais do que um simples ditado, este dizer representa também a construção de uma nova sociedade, em que os bens

são comunitários e a igualdade entre as pessoas figura como princípio principal. (p.183).

Uma nota, no livro, explica que “este lema dos sertanejos de José Maria, referido em vários livros e ainda lembrado pelos moradores da região do Contestado, faz referência à igualdade e à vida em comunidade”.

No próprio esforço de produzir um sentido conforme as lógicas dominantes, explicita-se a complexidade do campo polêmico. É isso que faz, no capítulo que trata das motivações e crenças na base da insurreição sertaneja, dentro de seu rigor descritivo e analítico, um texto tão pungente.

O que faz o livro? Não é uma simples narrativa histórica em que, usando jornais como fonte, tenta-se recuperar uma verdade dos acontecimentos. Embora as ações políticas, os combates, as relações de poder sejam constantemente referidas, não ocupam o centro da cena. O texto, efetivamente, usa a observação da imprensa para refletir sobre a história do Contestado, mas, ao fazer isso, estuda os processos da imprensa que – ao relatar e produzir, diretamente no contexto social, os lances históricos em sua ocorrência – evidencia também uma história que é resultado da comunicação social, posta a circular sobre seus eventos. Mostra, também, que os setores que têm o poder de expressar e conduzir essa circulação direcionam os acontecimentos.

Assim, o livro não informa apenas sobre as ocorrências do Contestado ou sobre as vozes das posições dominantes, mas ainda e sobretudo sobre o jornalismo e suas formas à época, mostrando o jornal como co-produtor do acontecimento ao lhe atribuir sentido: “ao informar e emitir opinião direta ou indiretamente sobre determinada situação, o jornal está produzindo um acontecimento e, portanto, construindo história” (p.260).

Este se torna um importante eixo do livro: “nosso objetivo aqui é perceber e elucidar que jornal específico surge nesta análise quando o Diário da Tarde enuncia determinadas falas, toma certas posições e constrói modos de ver a realidade” (p.310).

O jornalismo é mostrado como uma fonte de percepção, pela sociedade, de sua própria história. Esta não apenas acontece para depois, pronta, ser contada, como se a fala da história correspondesse apenas a mostrar. É por isso que o acontecimento não é aquilo “que ocorreu”, factualmente, mas aquilo que é feito acontecer no ritmo das disputas, dos apagamentos e das zonas alumiadas, da circulação dos sentidos. A história

se faz na comunicação das vozes sociais, falantes ou caladas, nas falas do jornal, dos historiadores – e de estudos como este, sobre a história e sobre a imprensa. Diz Karina:

Eis, aqui, a relação entre a dimensão discursiva e a dimensão histórica. Nos discursos mediáticos da insurreição sertaneja, os sentidos vão aparecendo aparentemente desconectados e distantes entre si; no entanto, ganham sua espessura e mobilidade pela repetição, pela crítica às vezes nítida, às vezes sutilmente disfarçada em explicação. Criando notícias e pautando opiniões, o jornal realiza o processo de “escrita” da história e nela interfere de modo a produzir e fixar determinados sentidos em um período histórico específico, singularizando os acontecimentos. (p.179).

Na sequência das falas, nos relacionamos com nossa história – dos eventos marcantes aos modos de falar sobre eles. Tanto os processos sociais como o entendimento destes se fazem na circulação continuada das vozes sociais. Cada ponto de um circuito comunicacional modifica – pois gera outros sentidos – o que antes ocorria e era dito. Trazer outras vozes, dar peso e sentido às que tenham sido caladas ou que foram reinterpretadas de fora e de cima – é isso que nos permite, no mesmo gesto, compreender o social e ser aí participante.

O livro de Karina, trazendo um período e objetos sobre os quais talvez esquecêssemos de atentar com a devida acuidade, torna a produzir, em outra tonalidade, os acontecimentos, oferecendo os sentidos que permitem apreendê-los.

SUMÁRIO

Introdução	17
Jornalismo e in(ter)venção da história	
Um diálogo possível no universo do sentido	23
Recortes do tempo na escrita do jornal	
História e cotidiano no universo jornalístico da capital paranaense	47
Fanáticos, criminosos ou vítimas?	
Nuances da representação dos sertanejos nas páginas da imprensa	85
O jornalismo na construção (simbólica) da nação	
Ou como o discurso nacionalista produz sentidos na história do Contestado.....	119
Consensos (e contrassensos) da religiosidade sertaneja	
A tematização do messianismo na construção discursiva do “Diário da Tarde”	147
Polêmicas e aspectos contextuais da insurreição sertaneja	
Ecos das motivações e questões sociais do Contestado no discurso jornalístico	181
O jornalismo na mediação (conflituosa) da questão de limites	
Guerra discursiva na polêmica das divisas interestaduais do Contestado.....	215
Palavras, imagens e sentidos de uma guerra (quase) desconhecida	
Ou como os discursos jornalísticos “escreveram” a história do movimento do Contestado.....	259
Por fim... aspectos da história do	
Contestado pelo jornalismo.....	305
Referências Bibliográficas.....	323